

PRIMEIRA LINHA A LENTA RETOMA DA CHINA

Aly Song /Reuters



O governo chinês impôs uma política de testagem em massa para detetar e travar possíveis surtos de covid-19.

“Covid zero” na China ameaça retoma global

Pesadas restrições para conter surtos de covid-19 na China estão a prejudicar o desempenho da segunda maior economia do mundo e arriscam contagiar principais parceiros comerciais. Impacto ainda não chegou à Europa, mas há riscos para a Zona Euro, incluindo Portugal.

JOANA ALMEIDA

joanaalmeida@negocios.pt

Enquanto na Europa se fala no “fim da pandemia” e se aliviam restrições, a China está há mais de dois meses a lidar com severos confinamentos para dar resposta a uma onda de surtos de covid-19. Mas a política de “covid zero” adotada tem prejudicado a atividade económica e antecipa-se uma re-

visão em baixa do crescimento da China para este ano. Os economistas contactados pelo Negócios alertam ainda que o efeito contágio para a economia mundial está a uma curta distância e Portugal não está imune.

“Um arrefecimento da China será sempre um fator adicional de stress muito significativo, em particular quando outros blocos económicos importantes – a Europa e os Estados Unidos – estão a braços com fatores de stress próprios, como a guerra na Ucrânia e a perspectiva de uma subida agressiva de taxas de juro para controlar a inflação”, refere Pedro Brinca, pro-

fessor auxiliar da Nova School of Business and Economics (Nova SBE), para quem um travão na economia mundial é uma inevitabilidade.

Ricardo Santos, economista especializado em assuntos internacionais, concorda que as medidas adotadas “vão ter um claro impacto no crescimento da China” e na economia mundial, tendo em conta que os confinamentos de milhares de pessoas e o encerramento de empresas estão a atrasar a entrega de componentes e matérias-primas a outros países. Essa paralisação “é já visível nos mais recentes PMI [índice de ges-

tores de compras] da China”, que revelam que tanto a atividade industrial como os serviços caíram para mínimos de dois anos.

Os rígidos confinamentos e a obsessão com a desinfeção e testagem massiva estão a tomar conta de, pelo menos, quatro dezenas de cidades da China. Perto de 500 milhões de pessoas estão em confinamento total ou parcial no país e Xangai, o centro financeiro da China, tem sido, por estes dias, o epicentro da nova vaga de surtos atribuída à variante ómicron.

“Xangai é um centro nevrálgico de atividade económica na China”, diz Pedro Brinca, sublinhan-

do que a cidade “tem um ‘PIB’ da mesma dimensão que a Polónia e mais de 10% de todo o comércio internacional da China”.

Para conter danos maiores na economia chinesa, Xangai anunciou, em março, cortes nos impostos e empréstimos com taxas reduzidas para as pequenas empresas, mas as medidas têm sido “insuficientes”. “Evitam males maiores, mas têm um impacto diminuto”, afirma o economista Ricardo Santos. Já Pedro Brinca considera que “a economia de Xangai está em queda livre” e ameaça arrastar o resto da China com ela.

Projeções abaixo dos 5%

Mesmo com a política de “zero casos” a paralisar o país, o governo de Xi Jinping mantém a expectativa de que a China cresça 5,5% este ano. Apesar de ser a previsão de crescimento mais baixa dos últimos 25 anos, várias instituições, como o Banco Mundial, não acreditam que o PIB da China vá além dos 5%. Dizem ainda que há a possibilidade de ficar nos 4%, se as restrições atuais se mantiverem por mais tempo.

Alicia Garcia-Herrero, economista do think tank Bruegel, estima que a China “provavelmente já perdeu cerca de 1,5 ponto percentual de crescimento do PIB projetado para este ano” devido aos severos confinamentos implementados. “A minha estimativa era de 5,2% para este ano, mas a China provavelmente não irá crescer mais de 4%”, explica, dando conta de que as importações recuaram em março e é previsível que mantenham essa tendência por mais tempo, afetando os principais parceiros comerciais.

A economista alerta que, além dos constrangimentos nas cadeias de abastecimento, a Europa deverá registar um “aumento das pressões inflacionistas”, sobretudo na Alemanha, que é “o maior exportador europeu para a China”.

Riscos para Portugal?

Ricardo Santos subscrive que a Alemanha “será a economia europeia mais afetada por eventuais quebras na produção” e que isso irá repercutir-se em toda a Zona Euro. Mas, por enquanto, diz que o impacto das restrições chinesas “ainda não é visível na Europa”.

No caso de Portugal, considera que “pode haver um contágio pela economia europeia”, mas a expectativa de um “boom” no turismo, do qual a economia portuguesa é bastante dependente, deverá esbater esse impacto. “A exposição à China é menor do que a dependência da economia portuguesa face ao turismo”, frisa.

Já Pedro Brinca entende que “o primeiro e mais direto impacto” de uma desaceleração da China “será sem dúvida nas cadeias de abastecimento”. Mas sublinha que “o efeito mais prejudicial pode ser por via indireta”, através de uma possível subida mais cedo das taxas de juro por parte do BCE para conter um agravamento da inflação, “com os consequentes efeitos que terá no abrandamento da atividade económica quer de Portugal, quer da Zona Euro”. ■

RAIO-X

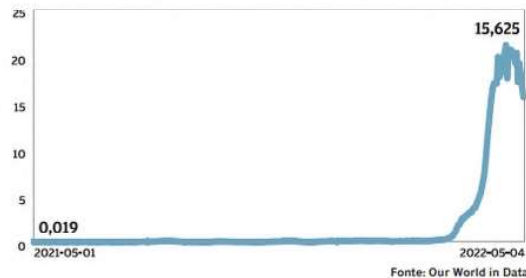
China enfrenta mais uma fase crítica da pandemia com confinamentos massivos

Apesar de os confinamentos para conter a pandemia estarem a travar a economia chinesa, o Governo de Xi Jinping conta que o PIB cresce 5,5% este ano. Inflação não é um problema para a China.

PIOR SURTO DESDE INÍCIO DA PANDEMIA

Novos casos por milhão de habitantes, média de 7 dias

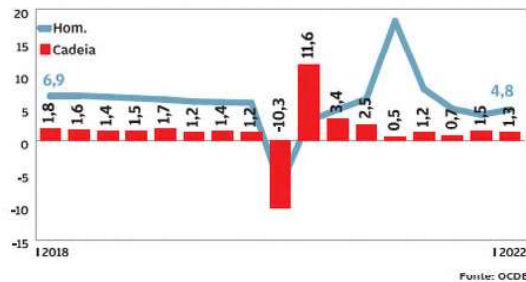
A variante ómicron fez disparar o número de casos de covid-19 na China. Desde então, o país tem estado a lidar com a pior vaga desde o início da pandemia, com múltiplos surtos em várias cidades.



PIB CHINÊS CRESCER 8,1% EM 2021

Varição homóloga e em cadeia, em percentagem

A economia da China cresceu 8,1% no ano passado, apesar de ter abrandado para 4% nos últimos três meses do ano. O Governo acredita que será possível atingir a meta de 5,5% este ano, mas poucos concordam, tendo em conta o impacto dos confinamentos.



INFLAÇÃO NA CHINA FIXOU-SE EM 1,5%

Varição homóloga de preços, em percentagem

Enquanto a Europa e os Estados Unidos lidam com taxas de inflação acima dos 5%, o índice de preços no consumidor na China ficou-se em 1,5% em março. Meta é de 3% para este ano.



Restrições na China são vistas como “excessivas”

Epidemiologistas criticam confinamentos massivos, que têm vedado acesso a bens essenciais, e lembram que mais de 80% da população que reside no país está vacinada.

A rigorosa política de “covid zero” da China tem gerado várias críticas por parte de especialistas em saúde pública em todo o mundo. Consideram que os confinamentos massivos, que estão a paralisar a economia chinesa, são “excessivos” e que a obsessão com a desinfecção dos espaços públicos é desnecessária. Mas sublinham que ainda é cedo para se falar no “fim da pandemia” na Europa e alertam que o surgimento de novas variantes é uma possibilidade que não deve ser descuidada.

O apelo de Zhang Zuofeng, professor da Faculdade de Saúde Pública Fielding na Califórnia, ao alívio nas restrições tornou-se viral nas redes sociais, no início deste mês. Segundo o epidemiologista, não há fundamento científico que justifique a que todos os casos positivos sejam enviados para os hospitais nem para que se façam testes PCR em massa, potenciando o risco de infeção cruzada (tendo em conta que nas longas filas de espera se juntam casos positivos e negativos de covid-19).

Na mesma publicação na rede social chinesa Meipian, Zhang Zuofeng contesta os severos confinamentos de cidades inteiras, que têm levado ao encerramento de supermercados e farmácias, originando escassez de bens de primeira necessidade. As críticas serviram para abrir o debate sobre a eficácia dessas restrições, que tem sido sistematicamente silenciado por Pequim.

Ao Negócios, o matemático Carlos Antunes, cujos cálculos foram transmitidos a

epidemiologistas que aconselharam o Governo na fase mais crítica da pandemia em Portugal, concorda que a estratégia seguida pela China “não faz muito sentido”, porque o país “tem cerca de 87% da população toda vacinada”.

Apesar de reconhecer que a vacina chinesa é “menos eficaz do que as vacinas com mRNA”, Carlos Antunes considera que “o único indicador que pode ser usado como argumento” para as restrições atuais na China é “a baixíssima percentagem de população com imunidade natural, que teve contacto com o vírus”. “Mas o nível de gravidade da doença, internamentos e mortes, é para a dimensão da China baixíssimo”, diz.

Já na Europa, diz que a “transição para endemia” é já uma realidade, mas alerta que o regresso dos confinamentos ao Velho Continente (embora não à escala da China) “poderá acontecer se surgir uma variante mais patogénica” do que a ómicron. ■ JOANA ALMEIDA



Estratégia seguida pela China não faz muito sentido, pois tem cerca de 87% da população vacinada

CARLOS ANTUNES
Matemático que monitoriza covid-19 em Portugal